# Línguas de Fronteira: Espaços de Circulação e Espaços Discursivos

Drª Eliana Rosa Sturza - UFSM

> *...pues también en el habla atravesamos fronteras, y a la vez, las fronteras nos atraviesan en continuidad*. (Camblong: 2006)

**Introdução:**

Há um outro lugar do qual vou tratar da questão das línguas em contato. Nos estudos lingüísticos este tema costuma ser abordado pela sociolingüística que, a partir de resultados de investigações de campo, relacionando dados lingüísticos com variáveis sociais, para, por exemplo, descrever o quanto uma língua sofreu mudanças em contato com a outra. Em relação à situação de contato lingüístico entre o português e o espanhol nas zonas fronteiriças do Brasil com os países da bacia do Rio da Prata, esta têm sido a teoria lingüística e metodologia mais utilizadas.

De um modo geral, esses estudos descrevem a gramática resultante do contato lingüístico. As variáveis sociais que produziriam tais mudanças são as que, para mim, constituem as Línguas de Fronteira. Isto quer dizer, que só podem ser Línguas de Fronteira à medida que se significam como tal para os falantes fronteiriços. Nas suas diferenças (mudanças ou não) funcionam e significam para os falantes de uma zona lingüística particular.

Tomo, assim, Línguas de Fronteira desde uma perspectiva enunciativa, para qual considero fundamental pensar que há um conjunto de línguas que se configuram por um espaço de circulação que lhes possibilita constituir discursos que representam as próprias condições sócio-históricas e econômicas nas quais essas línguas funcionam como um lugar do dizer dos sujeitos fronteiriços. Logo, tem-se, no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil ou da língua espanhola da Argentina e do Uruguai um espaço de enunciação entre línguas, ao qual denomino como Espaço de Enunciação Fronteiriço. (STURZA: 2006)

Neste trabalho, apresento alguns exemplos de textualidades das Línguas de Fronteira que constituem espaços discursivos para significar este conjunto de práticas lingüísticas: as línguas nacionais, as línguas de imigrantes, as línguas indígenas e as línguas de contato.

Deste modo, as textualidades nos permitem historicizar, ao longo de um período, como o da metade do século XIX às primeiras décadas do século XX, a constituição de um espaço

de circulação dessas línguas de fronteira, produzindo-se um espaço discursivo e de enunciação não repetível em outros espaços. É possível que essa história das línguas de fronteira nos leve a compreender como o espanhol e o português se colocam, para as zonas fronteiriças, como línguas aproximadas.

**Espaço de Circulação: outras línguas**

A circulação das línguas nas fronteiras luso-platinas está diretamente associada à organização e municipalização das comunidades fronteiriças. A circulação de pessoas em zonas fronteiriças mais povoadas e integradas se caracteriza por um ir e vir rotineiro. Em muitos casos, tal mobilidade faz a fronteira ser muito mais social do que territorial. A mobilidade social estrutura o "habitat fronterizo". Para Camblong: *Un mundo dinámico en el que se manejan varias monedas, distintas lenguas, más de una documentación personal, se compra y se vende, se llora y se ríe, se ama y se odia en movimentos contínuos de un lado al otro.*

Um dos fatores de sustentação da vida fronteiriça é a economia, às vezes, com uma organização própria, caso do comércio supra-regional que se desenvolveu, a partir da metade do século XIX, nos municípios da fronteira banhados pelo Rio Uruguai. (COLVERO: 2004). As atividades econômicas nesse período eram intensas, e integravam a região em razão do fluxo do comércio de importação e exportação nos portos fluviais. A organização sócio-econômica da região ocorria à margem das nacionais. Anúncios das casas de comércios, armazéns de importação e exportação, da companhia fluvial de navegação e da ferroviária, publicados no jornal "A Notícia" (1905), de Uruguaiana, apresenta-nos um quadro sócio econômico e cultural deste "habitat fronterizo".

Na fronteira há uma sociologia que se constitui pela contigüidade e cotidianidade das relações, mesmo quando mais restritas ao econômico. No caso das comunidades gêmeas essa sociologia é determinante para o modo como as línguas em contato incluem-se no espaço de circulação das línguas nacionais, sobretudo.

Buscando historicizar como se constitui esse espaço de circulação, que já se significa como um espaço de línguas em contato, eu proponho, então, uma periodização sobre a história da circulação das línguas da fronteira, retomando diferentes textualidades nas quais elas se apresentam e significam tal espaço. Para isso, escolhi duas fronteiras com cidades correspondentes: Uruguaiana – Paso de los Libres (Arg.) e Livramento – Rivera (Urug.).

Durante o século XIX, as longínquas terras das fronteiras do sul eram despovoadas. A circulação de pessoas se restringia aos soldados, pequenos comerciantes e aventureiros. Era um porto de passagem. As línguas portuguesa e espanhola circulavam tão livre quanto seus falantes, indiferentes às delimitações das fronteiras geopolíticas. Se nos reportamos à história das Missões jesuíticas no Rio Grande do Sul, por um longo período, tivemos o espanhol como língua da fé, do rei e da lei. E quando tal território passou para mãos luso-brasileiras, as pessoas que aí ficaram provavelmente não perderam sua língua.

Isso nos leva a afirmar que o espanhol se coloca de modos diferentes no nosso espaço de enunciação, afetado pelas condições sócio-históricas específicas da formação das sociedades fronteiriças. E está assim presente, como nossa língua aproximada, pelas relações naturais estabelecidas pelas populações à revelia das intervenções dos Estados nacionais, nos episódios da história diplomática, nos episódios de regulação das economias (caso dos blocos econômicos como Mercosul), em leis de Educação como a obrigatoriedade do ensino de Espanhol no Brasil e agora, em curso, a de obrigatoriedade do Português na Argentina.

Este espaço de circulação, então, se configura pela mobilidade das línguas. Nas fronteiras luso-platinas, as línguas que organizam as relações de contato são as duas línguas nacionais principais: o português e o espanhol. Mas, o conjunto de práticas lingüísticas que abarca as Línguas de Fronteira se amplia, mais tarde, com aumento dos processos de imigração de diferentes etnias. E assim ele vai se modificando com a entrada de outras línguas, determinando um quadro de diversidade lingüística, no qual o espaço de enunciação dos fronteiriços re-significa o lugar cada uma dessas línguas em relação às línguas nacionais, uma vez que tanto o português como o espanhol continuam sendo, no âmbito do Estado, a língua da alfabetização, da justiça, da oficialidade.

Nos exemplos a seguir, tomo como recorte fragmentos de diários de viagem do Século XIX, período no qual se inicia a municipalização das vilas mais desenvolvidas nas fronteiras do Brasil com Uruguai e Argentina.

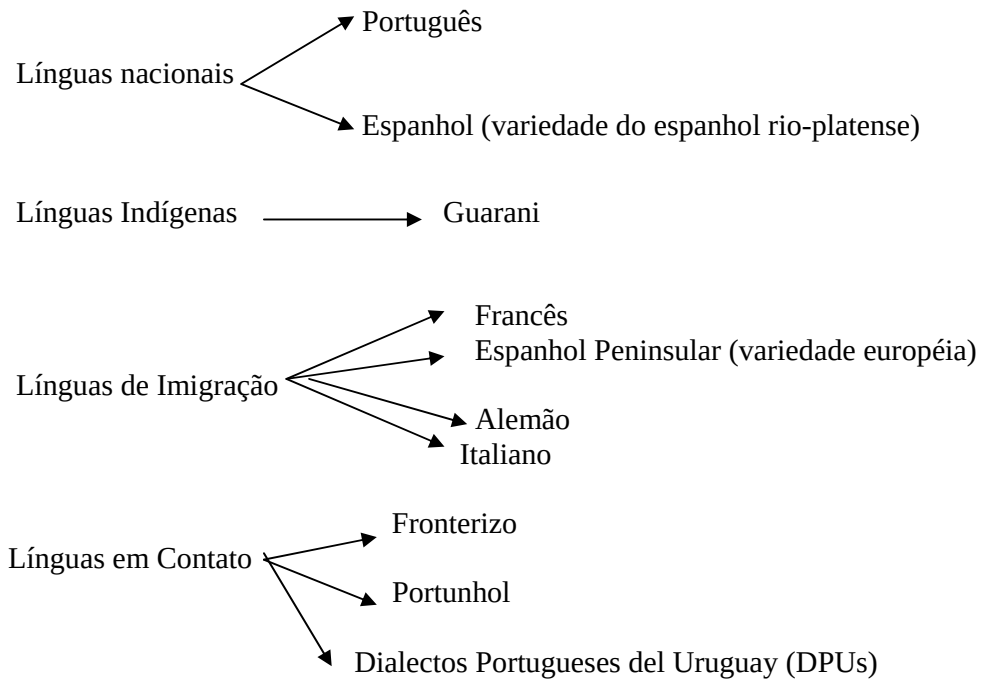
> "Hoje almocei na casa do Padre Gomes, muito delicado e bondoso. Notei que os convidados, todos portugueses, estabelecidos aqui há muito tempo misturavam bastante o espanhol em sua linguagem. Os idiomas espanhol e português assemelham-se tanto que, quando não se sabe uma dessas línguas, compreende-se a outra facilmente". (SAINT HILAIRE: 1821)

> "....Uruguaiana é uma vila de pelo menos 2.000 habitantes, onde se manifesta, em todos os recantos, a mais viva atividade comercial. Só franceses existem mais de cem no lugar, entre eles, gente de muito boa educação e de irrepreensível conduta. Em Uruguaiana quase não se reconhece uma cidade

> brasileira, mas uma hispano-francesa que parece apoiar-se, em suas relações de vida e de comércio, mais em Buenos Aires e Montevidéu do que em Porto Alegre e Rio Grande." (AVÉ-LALLEMANT: 1858)

Tomando o relato a respeito do espaço de circulação das línguas, interpretamos aí que as línguas de fronteira, no século XIX, já incluíam no seu conjunto outras línguas. Em outras passagens do texto do seu diário de viagem, Saint Hillaire transcreve uma lista de palavras de uma língua indígena falada nos dois lados das fronteiras luso-platinas.

Deste modo, há um espaço de circulação em que as línguas se organizam da seguinte maneira[1]:




Esta organização do espaço de circulação das Línguas de Fronteira não contempla diferenciações entre o que é língua e dialeto (ou variedade). Como línguas em funcionamento, interessa-me os sentidos políticos que elas têm enquanto práticas lingüísticas dos sujeitos fronteiriços.

**Espaço Discursivo: sujeito entre línguas**

O Espaço discursivo das línguas de fronteira só se formula pelo espaço de circulação, sendo esse por natureza um espaço de contatos. Nele há línguas e sujeito entre línguas. Deste

[1] Para as Línguas em Contato considero, respectivamente, os estudos de RONA (1965), HENSEY (1977) ELIZANCÍN (1987) e CARVALHO (1999)

modo os espaços discursivos se materializam em diferentes textualidades: diários de viagem, documentos oficiais, notícias, notas, publicidades veiculadas em jornais.

Este corpus nos dá uma heterogeneidade discursiva: discursos dos comerciantes, discurso dos viajantes, discursos políticos, discursos sobre as línguas. Os discursos sobre as línguas nos diários de viagem nos dão registros a respeito do modo de circulação das línguas. No discurso do viajante emerge um dizer sobre as línguas, no qual podemos interpretar que há então um espaço de enunciação fronteiriço constituído por uma relação entre línguas e falantes: franceses, alemães, portugueses/brasileiros, espanhóis/hispano-americanos. (exemplo 2, acima).

No discurso sobre as línguas há uma descrição da sociologia da fronteira que condiciona a formulação de um espaço de circulação das línguas já nesta época. Neste sentido, os diários de viagem enquanto instrumentos lingüísticos produzem um saber lingüístico a respeito das línguas de fronteira. No fragmento a seguir, ilustro como este conhecimento se constitui no discurso dos viajantes:

> "... Devo apontar um real perigo que existe no rio. De Montevidéu e de Buenos Aires sobe um elemento hispano-americano que não concorre para a felicidade do Brasil. Aqui se ouve demasiado espanhol, observa-se demasiada influência espanhola. Vai ao ponto de, por exemplo, as cartas para a Europa e mesmo Rio de Janeiro serem enviadas de Uruguaiana, pelo correio, via Paisandú e Buenos Aires, e não por terra, via Rio Grande." (AVÉ-LLALLEMANT: 1858)

Os espaços discursivos também se constituem pela entrada de uma ou outra língua no espaço de enunciação da língua nacional. Os anúncios publicados em 1905 no jornal a Notícia de Uruguaiana entidades francesas e espanholas publicam seus avisos nas suas línguas nacionais: francês e espanhol. O espaço discursivo se constitui com as línguas que circulam no espaço de enunciação fronteiriço. É desta maneira que as línguas determinam a relação entre sujeitos e línguas (GUIMARÃES: 2004), que é o lugar político do dizer desses sujeitos e que é da natureza de formulação de um processo enunciativo muito específico: O Espaço de Enunciação Fronteiriço.

Portanto, há um espaço discursivo sobre as línguas, materializado em diversas textualidades no qual se instaura uma distribuição de línguas, num quadro diverso e inter-cultural. E nem referi aqui ao fato da mistura das línguas, designadas por Portunhol, Fronterizo, DPUs e que se incluem neste conjunto de práticas lingüísticas fronteiriças.

Para terminar, retomo a epígrafe de Camblong (2006) e cito o fragmento anterior, que nos faz refletir sobre este conceito de línguas em contato, que refaço aqui como constitutivo das Línguas de Fronteira, pois .....*lo que para el centro es exótico, para nosotros familiar; lo que para el Estado-nación es extranjero, para nosotros, vecino; lo que las gramáticas distingüen, nosotros lo usamos mezclado, pues también en el habla atravesamos fronteras, y a la vez, las fronteras nos atraviesan en continuidad.*

**Referências Bibliográficas**:


CAMBLONG, Ana. Allá Ité. In *Jornal La Nación*, suplemento Zona, 2006.

COLVERO, Ronaldo. *Negócios na Madrugada. O comércio Ilícito na Fronteira do Rio Grande do Sul.* Passo Fundo - RS: ed. UPF, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. Campinas - SP: Pontes, 2004.

STURZA, Eliana. *Línguas de Fronteira: Políticas de Línguas e História das Idéias Lingüísticas.* Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 2006